

# Qualificação vocal por professores e fonoaudiólogos: similitudes e divergências

Emilse Aparecida Merlin Servilha\*  
Bianca G. Bernardo\*\*

## Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar a qualificação dada por professores às suas próprias vozes e compará-la à avaliação fonoaudiológica. Foram gravadas as respostas à questão “Como você avalia sua voz?” de 159 professores da rede municipal de ensino de uma cidade do estado de São Paulo. Realizou-se a transcrição ortográfica dos discursos e destacaram-se palavras-chave que expressassem as qualidades atribuídas, pelos professores, às suas vozes. Esses dados foram comparados com a avaliação fonoaudiológica e observou-se o nível de concordância entre elas. Os resultados mostraram que 32,6% dos professores usaram atributos positivos como boa (45,0%), alta (16,6%) e normal (15,0%); 63% empregaram atributos negativos como rouca (35,3%); e 4,4% intermediários como razoável (50%). Na avaliação fonoaudiológica sobressaiu a qualidade soprosa (25,30%). A comparação entre as avaliações fonoaudiológica e docente evidenciou que as vozes saudáveis foram classificadas, respectivamente, como adaptadas e boas, altas e normais. Para as vozes alteradas, a qualidade rouca foi mais mencionada e coincidente entre os dois segmentos. Professores e fonoaudiólogos utilizaram referenciais diferentes na avaliação vocal, tendo o fonoaudiólogo expressado uma análise técnico-científica e o professor sua experiência como usuário da voz. Conclui-se que houve concordância de 55,97% entre a avaliação docente e fonoaudiológica, indicando conhecimento vocal dos professores e que os termos empregados pelos dois segmentos mostram mais concordâncias que discordâncias, apesar das nomenclaturas distintas.

**Palavras-chave:** distúrbios da voz, docentes, qualidade vocal.

## Abstract

The objective of this study was to analyze the qualification attributed by teachers to their own voices and to compare it with the speech therapist evaluation. Answers to the question How do you evaluate your own voice?? by 159 teachers from the city school system of a city from the state of São Paulo were recorded. The orthographic transcription of their speeches revealed keywords that expressed virtues attributed by teachers to their own voices. The data was compared to the speech therapist evaluation and the level of agreement between them was observed. The results showed that 32.6% of the teachers used positive attributes as good (45.0%), high (16.6%) and normal (15.0%); 63% used negative attributes such as hoarse (35.3%); 4.4% neutral attributes, such as reasonable (50%). In the speech therapist evaluation the attribute breathy (25.30%) was stressed. The comparison between speech therapist and teachers' evaluations evidenced that healthy voices were rated, respectively, as adapted and good, high and normal. For altered voices, the hoarse attribute was mentioned the most and matched both segments. Teachers and speech therapist utilized different references in the vocal evaluation, having speech therapist

\* Fonoaudióloga doutora em Psicologia e docente da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-Campinas. \*\* Bolsista de Iniciação Científica FAPIC-PUC-Campinas no período de agosto de 2007 a julho 2008.

*used a technical-scientific analysis and teachers their experience as voice users. The conclusion was that there was agreement of 55.97% between teachers' and the speech therapist's evaluation, indicating vocal knowledge by teachers and that terms used by the two segments show more agreement than disagreement, despite different nomenclature.*

**Keywords:** *voice disorders, faculty, voice quality*

## Resumen

*El objetivo de este estudio fue analizar la calificación dada por profesores a sus propias voces y compararla a la evaluación fonoaudiológica. Se grabaron las respuestas a la pregunta: ¿Cómo usted evalúa su voz? de 159 profesores de la red municipal de enseñanza de una ciudad del estado de São Paulo. Se realizó la transcripción ortográfica de los discursos y se destacaron las palabras clave que expresaran las cualidades atribuidas, por profesores, a sus voces. Estos datos se compararon con la evaluación fonoaudiológica y se observó el nivel de concordancia entre ellas. Los resultados mostraron que 32,6% de los profesores usaron atributos positivos como buena (45,0%), alta (16,6%) y normal (15,0%); 63% emplearon atributos negativos como ronca (35,3%); y 4,4% intermedios como razonable (50%). En la evaluación fonoaudiológica sobresalió la calidad soplada (25,30%). La comparación entre las evaluaciones fonoaudiológica y de los docentes evidenció que las voces saludables fueron clasificadas, respectivamente, como adaptadas y buenas, altas y normales. Para las voces alteradas, el atributo ronca fue el más mencionado y coincidente entre los dos segmentos. Profesores y fonoaudiólogos utilizaron referenciales diferentes en la evaluación vocal, siendo que el fonoaudiólogo expresó un análisis técnico-científico y el profesor su experiencia como usuario de la voz. Se concluye que hubo concordancia de 55,97% entre la evaluación docente y la fonoaudiológica, indicando conocimiento vocal de los profesores y que los términos empleados por los dos segmentos muestran más concordancias que discordancias, a pesar de las nomenclaturas distintas.*

**Palabras claves:** *trastornos de la voz, docentes, calidad de la voz*

## Introdução

Pesquisadores em todo o mundo tomam por objeto de suas investigações as relações entre saúde e trabalho em professores, pela importância desse profissional, cuja voz tem se constituído em crucial ferramenta de mediação e interação no contexto da sala de aula (Roy et al., 2004; Simberg et al., 2004).

A análise das condições e organização da atividade docente revela que elas quase sempre estão aquém do esperado para garantir o desempenho e a saúde requerida para tal função. São conhecidas as condições ambientais adversas nas quais o professor desempenha seu trabalho com fatores de risco à saúde e à voz (Ferreira et al., 2003; Preciado et al., 2005). Além disso, a docência é permeada pela competitividade, estresse e sobrecarga de trabalho que desgastam o professor (Servilha, 2005a).

Nesse contexto, observa-se que, de forma usual, os professores experimentam distúrbios

vocais em suas carreiras (Thibeault et al., 2004); no entanto nem sempre conseguem avaliar de forma apropriada a gravidade dessa alteração, mostrando-se tolerantes com suas alterações vocais, compreendendo-as como inerentes à atividade profissional (Yiu, 2002).

Grillo e Penteado (2005) constataram professores satisfeitos com a sua qualidade vocal e aqueles que avaliaram suas vozes como boa ou excelente foram os mesmos que se queixavam de dificuldades para falar usando forte intensidade quando o ambiente mostrava-se ruidoso, além de referirem falta de controle do ar para a fonação, evidenciando desconhecimento ou até certa negligência do professor com sua voz. Esta falta de percepção vocal também é corroborada pelo estudo de Schwarz e Cielo (2005) com professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul, dos quais 65% avaliaram suas vozes negativamente, em comparação com a

avaliação fonoaudiológica que indicou presença de alteração vocal em 76% deles.

Por outro lado, algumas pesquisas vêm se contrapor à idéia do desconhecimento vocal por parte dos docentes. A pesquisa de Jardim, Barreto e Assunção (2007) com professores do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Belo Horizonte mostrou que a maior parte deles percebia quando a qualidade da voz piorava.

Simões e Latorre (2006) avaliaram professoras de creches da cidade de São Paulo, por meio da aplicação de um questionário, junto com a realização de uma análise perceptivo-auditiva de suas vozes. Os resultados mostraram que 80% das professoras referiram alteração vocal, e souberam especificar o tempo do problema, sua evolução, sua gravidade, sintomas e etiologia. Esses resultados levaram as autoras a concluir que os professores mostraram percepção apropriada para os possíveis problemas de voz e que este fato colabora para a diminuição da prevalência de alteração vocal nessa categoria profissional.

As controvérsias presentes nas pesquisas sobre o conhecimento do professor sobre sua voz reclamam por novas pesquisas como esta em proposição, principalmente aquelas em que se pode trabalhar com os dados do professor e do fonoaudiólogo. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a qualificação dada por professores às suas próprias vozes e compará-la à avaliação fonoaudiológica.

## Material e Método

Foram critérios de inclusão nesta pesquisa: o professor pertencer ao quadro de professores da rede municipal de ensino, estar trabalhando e aceitar participar da pesquisa de forma livre e esclarecida. Como critérios de exclusão foram considerados: a recusa do professor em participar da pesquisa, faltar no dia da gravação ou estar afastado do trabalho.

Ao final, integraram este estudo 159 professores da rede municipal de uma cidade da região leste do estado de São Paulo—SP, sendo 158 (95,8%) do sexo feminino e 7 (4,2%) do masculino, idade média de 37 anos, predomínio de casados (123 - 74,5%) e escolaridade superior (138 - 83,6%), tem-

po médio de docência de 12,9 anos e 116 (70,3%) com dupla jornada de trabalho.

A amostra de fala foi constituída por áudio-gravação da resposta de cada professor à questão “Como você avalia sua voz?”, emissão das vogais /a/, /i/ e /u/ prolongadas e dos meses do ano, e a coleta foi realizada no período de setembro a dezembro de 2006.

Foi utilizado um gravador digital ICD-MX20VTP Sony, de alta fidelidade e confiabilidade, cujas características técnicas se mostraram apropriadas às exigências do estudo. As gravações foram digitalizadas em formato *wave*, e os sujeitos identificados pela letra P seguida de um número (P1, P2, até P159) de modo a garantir o sigilo da identidade dos docentes.

O material editado quanto à emissão prolongada das vogais e meses do ano, foi analisado por três fonoaudiólogas especialistas em voz, que classificaram a qualidade vocal dos professores de acordo com a proposta de Behlau, Azevedo e Pontes (2001). Como resultado final dessa análise foi considerado o critério de concordância entre as juízas.

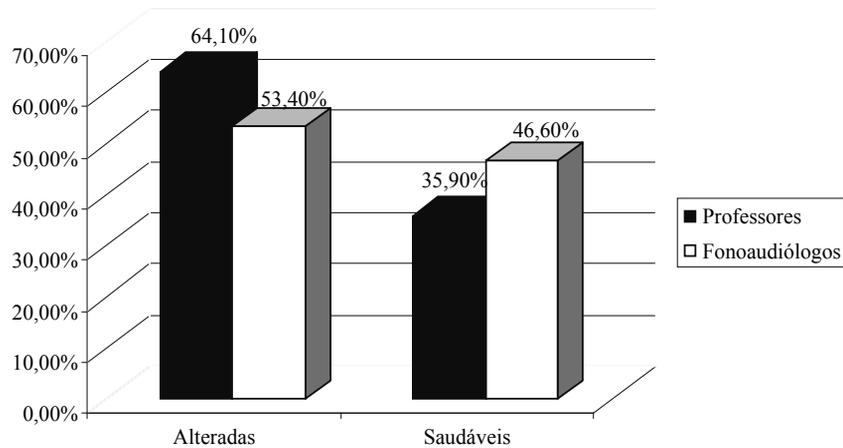
As respostas à pergunta “Como você avalia sua voz?” foram transcritas ortograficamente e os dados organizados em planilha Excel. Após várias leituras desse material, buscou-se identificar palavras-chave que se referissem às qualidades atribuídas, pelos professores, às suas vozes. Esses adjetivos foram organizados em atributos positivos e negativos e analisados quantitativamente. Em seguida, alguns trechos dos discursos dos professores foram selecionados como representativos de eixos temáticos, decorrentes de similaridade de conteúdo e frequência, de modo a fazer sobressair os aspectos da voz que estão mais presentes, conforme a proposta de Bardin (1977).

A análise final consistiu na comparação entre as duas avaliações (fonoaudiológica e do próprio professor) de modo a aclarar concordâncias e discordâncias na classificação das vozes. Os resultados foram expressos em valores numéricos e percentuais.

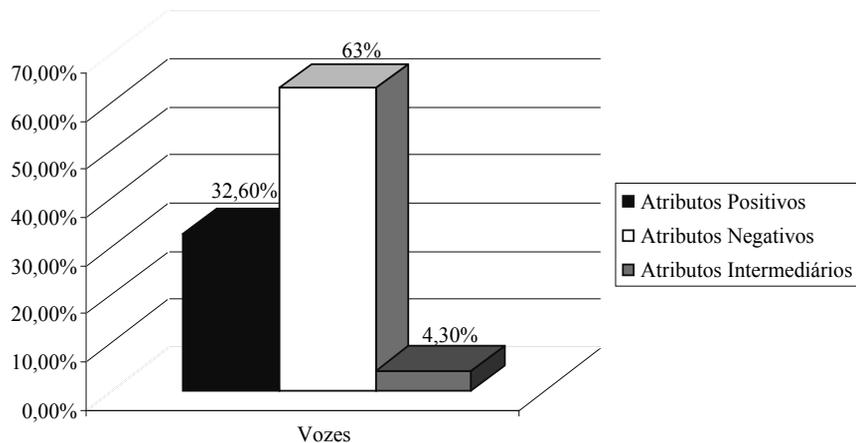
Esta pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em 09/04/2007 sob o nº 181/07.

## Resultados

**Figura 1 – Avaliação de professores e fonoaudiólogos quanto à presença/ausência de alteração vocal**



**Figura 2 – Tipos de atributos conferidos pelos professores às suas próprias vozes**



**Tabela 1 – Tipos de atributos referidos pelos professores em relação às suas vozes e respectivas frequências**

Tipo de atributo	Qualificação Vocal e respectiva frequência
Positivos	boa (45,0%), alta (16,6%), normal (15,0%), forte (6,6%), grave (3,3%), ótima (3,3%), grossa (1,6%), suave (1,6%), gostosa de ouvir (1,6%), firme (1,6%), clara (1,6%) e natural (1,6%).
Negativos	rouca (35,3%), alta (16,3%), grossa (6,0%), falha (5,1%), irritante (4,3%), grave (4,3%), cansaço (4,3%), fina (4,3%), forte (1,7%), estridente (1,7%), fanha (1,7%), nasal (1,7%), feia (1,7%), oscilante (0,8%), ardida (0,8%), perde a voz (0,8%), desfocada (0,8%), péssima (0,8%), perde o fôlego (0,8%), taquara rachada (0,8%), criança (0,8%), infantil (0,8%), melada (0,8%), pastosa (0,8%), desagradável (0,8%) e minha voz está o melhor (0,8%).
Intermediários	razoável (50%) e média (50%).

**Tabela 2 – Qualificação vocal atribuída por fonoaudiólogos às vozes dos professores.**

Qualificação dada por fonoaudiólogos	Frequência	%
Adaptada	74	46,5
Soprosa	21	25,30
Rouca	14	16,86
Rouca associada a outras qualificações, exceto soprosa	12	14,45%
Rouco – soprosa	11	13,25%
Soprosa associada a outras qualificações, exceto rouca	9	10,84%
Rouca – soprosa acrescida de outras qualificações	6	7,22%
Áspera	4	4,81%
Crepitante	2	2,40%
Infantilizada	1	1,20%
Hiponasal	1	1,20%
Tensa – estrangulada	1	1,20%
Tensa-estrangulada a outras associações exceto rouca e soprosa	1	1,20%

**Tabela 3 – Eixos temáticos e exemplos de discursos dos professores.**

Eixo temático	Discurso
Problemas com a respiração	<i>Acho que eu não tenho muito fôlego. Eu acho que falo assim, respiro é eu não respiro pra falar, eu não tenho, minha voz não é muito baixa e se eu precisar alterar a voz, eu não consigo e eu tenho calo nas cordas vocais, já fiz o exame e tudo né? (P144)</i>
Sensações na garganta	<i>Eu acho que a minha voz é um pouco cansada, às vezes a minha voz falha, minha garganta dói um pouco. (P89);</i>
Falta de percepção vocal	<i>Eu acredito que a minha voz é rouca, pelo que as pessoas falam [...], mas eu não percebo essa rouquidão na voz tão forte, como as pessoas falam e às vezes eu sinto cansaço ao falar, mas ela não me prejudica em nada. (P142);</i>
Percepção apropriada da voz	<i>Minha voz já foi melhor e hoje ela é um pouco alta. (P131);</i>
Voz e Fonoaudiologia	<i>A Minha voz é razoável. Eu já fiz tratamento fonoaudiológico porque tenho calo nas cordas. (P64);</i>
Inflamação de Vias Aéreas Superiores	<i>A minha voz é muito grave, faço tratamento com o otorrino para tentar melhorar essa situação. Eu tenho problemas alérgicos, mas em sala de aula, me dou bem e uso bem a voz.(P113)</i>
Velocidade da fala	<i>Eu percebo que eu falo muito rápido apesar de eu ser meio rouca, mas é normal. O bom é que não tenho problema com a garganta, mas eu falo muito alto.(P155).</i>
Falta de relação corpo/voz	<i>Eu acho minha voz muito melada e infantil.(149)</i>
Relação voz e trabalho	<i>Eu acho a minha voz é rouca, mas acredito que seja em relação ao trabalho porque ela era bem limpa e agora dói muito. Eu sinto dor quando eu forço e quando falo mais alto ela falha. (P52)</i>
Naturalização da rouquidão	<i>A minha voz eu acho que ela mudou muito do que ela era, eu acho que eu sou bem mais rouca do que eu era antes, mas eu já me acostumei com ela então agora eu acho que ela está normal. (P129)</i>

## Discussão

A Figura 1 mostra que, do total de docentes, 102 (64,1%) deles assinalaram suas vozes como alteradas e 57 (35,9%) como saudáveis, e os fonoaudiólogos avaliaram 85 (53,4%) das vozes como

alteradas e 74 (46,6%) como adaptadas, resultados similares ao de Ferreira et al. (2003), no qual 60% dos docentes se autorreferiram com alguma alteração vocal.

Desta forma, os professores identificaram mais vozes alteradas do que os fonoaudiólogos, e vistos

no conjunto, ambos os segmentos classificaram um maior número de vozes com alteração vocal, do que saudáveis. Isto pode indicar que os professores pesquisados são sensíveis à presença de alterações vocais, resultados distintos daqueles de Troni et al. (2006), que evidenciou que a auto percepção de presença ou ausência de alteração vocal foi pouco percebida pelos docentes de seu estudo, pois a análise perceptivo-auditiva das fonoaudiólogas identificou que apenas 38,1% delas tinham qualidade vocal apropriada e que 61,9% dos docentes eram disfônicos. Neste mesmo sentido, Yiu (2002) comenta que os estudos da voz do professor concluem que, usualmente, há um desconhecimento ou pouca valorização deste profissional em relação às alterações de sua voz.

A leitura dos discursos dos professores em relação à qualificação de suas vozes mostrou que 60 (32,6%) deles usaram atributos positivos, 116 (63 %) negativos e 8 (4,4%) classificados como intermediários ao descreverem suas vozes (Figura 2) e que eles utilizaram mais atributos negativos do que positivos, o que corrobora os resultados do estudo de Schwarz e Cielo (2005), no qual 65% dos professores por elas pesquisados classificaram negativamente suas vozes.

Obteve-se também que, as 35 (22,01%) vozes consideradas sem alterações foram classificadas como adaptadas pelos fonoaudiólogos e como boas, altas e normais pelos professores. Para as 64 (40,25%) consideradas alteradas, a qualidade vocal avaliada como rouca foi a mais frequente para os fonoaudiólogos, e coincidentemente foi o adjetivo mais mencionado pelos professores. O termo voz soprosa identificada pelos fonoaudiólogos correspondeu à baixa e rouca pelos docentes; e para a voz classificada como áspera, os professores citaram desagradável e rouca. Esses dados reafirmam aqueles de Schwarz e Cielo (2005) cujos professores do Rio Grande do Sul avaliaram suas vozes utilizando a terminologia: boa, natural, clara, agradável e tom normal para vozes sem alteração e rouca para as alteradas.

Na avaliação das vozes dos professores pelos fonoaudiólogos ocorreram com maior frequência as seguintes classificações: soprosa (21 - 25,30%), rouca (14 - 16,86%), rouca associada a outras qualificações, exceto soprosa (12 - 14,45%) rouco-soprosa (11 - 13,25%), conforme mostra a (Tabela 2), indicando a presença de possíveis alterações laringeas como fechamento glótico

ineficiente, edema de pregas vocais, entre outras afecções, usualmente decorrentes de alta demanda vocal (Behlau, Azevedo e Pontes, 2001).

A comparação entre as qualificações dadas pelos professores às suas próprias vozes e a avaliação dos fonoaudiólogos permitiu desvelar similitudes em relação aos termos empregados por ambos, aspecto pouco aprofundado na literatura fonoaudiológica, como indica Penteadó (2007).

A concordância de 55,97% entre as avaliações explicitadas pelos professores e fonoaudiólogos evidenciou que os primeiros estão atentos às suas qualidades vocais e perceberam de forma apropriada a presença de alguma alteração. Esse dado reafirma os achados de Simões e Latorre (2006), cuja pesquisa fez sobressair que os professores investigados sabiam identificar a presença de sintomas vocais, além daqueles de Servilha (2005b) que mostrou uma multiplicidade de conhecimentos de professores universitários sobre suas vozes, inclusive a importância da entoação, velocidade e pondera a necessidade de se avaliar, de forma minuciosa, a percepção vocal desse segmento profissional.

Constata-se que cada segmento utilizou referenciais e pressupostos diferentes ao procederem à avaliação vocal, pois o fonoaudiólogo expressou uma análise e classificação técnico-científica, enquanto o professor o fez baseado em suas experiências diárias, decorrentes do uso de sua voz nas atividades profissionais e sociais.

A tabela 3 apresenta a riqueza de contribuições dos professores que relacionaram suas alterações vocais a outros aspectos da comunicação vivenciados por eles, tais como: problemas com a respiração, sensações na garganta, falta de percepção, percepção apropriada por alguns docentes em relação às suas vozes, realização de tratamento fonoaudiológico, presença de inflamações em vias aéreas superiores, velocidade da fala, voz infantilizada, relação da voz com o trabalho e a naturalização da rouquidão (Ferreira et al., 2003; Schwarz e Cielo, 2005 e Penteadó, 2007).

Assim, os professores ao falarem de suas vozes contextualizaram-nas em suas vidas e trabalho, analisaram seu desenvolvimento e mostraram sua importância. Poucos deles se limitaram a resumila em uma única palavra. Assim, a voz aparece no fluxo da vida, como forma de expressão que representa o sujeito e que se integra sua vida pessoal e profissional.

## Conclusão

Houve concordância de 55,97% entre a avaliação de professores e fonoaudiólogos, indicando que os docentes mostraram conhecimento vocal e que os termos empregados pelos dois segmentos mostraram mais concordâncias que discordâncias.

Os dados desta pesquisa diferem de parte dos achados da literatura, pois evidenciou que os professores estão atentos às suas qualidades vocais e que também perceberam de forma apropriada a presença de alteração vocal.

Observou-se similaridade nas respostas dos docentes e dos fonoaudiólogos, pois ambos mencionaram com maior frequência a presença de alteração vocal.

Quanto às qualificações vocais empregadas por professores e fonoaudiólogos notou-se que houve convergência de significado entre eles, apesar da menção de diferentes terminologias, uma vez que o fonoaudiólogo expressou uma análise profissional e científica, enquanto o professor o fez fundamentado em suas experiências diárias com a voz.

Ressalta-se a amplitude das contribuições dos professores, que não se restringiram apenas a qualificar suas vozes, e sim situá-la em um contexto maior da comunicação no trabalho e que envolve questões de expressividade oral.

## Referências bibliográficas

- Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
- Behlau M, Azevedo R, Pontes P. Conceito de voz normal e classificação das disfonias. In: *Voz: o livro do especialista*, v.1. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p.53-79.
- Ferreira PL, Giannini S, Figueira S, Silva EE, et al. Condições de produção vocal de professores da prefeitura do município de São Paulo. *Disturb Comun* 2003;14(2):275-307.
- Grillo MHMM, Penteado RZ. Impacto da voz na qualidade de vida de professor(a)s do ensino fundamental. *Pro Fono* 2005;17(3):321-30.
- Jardim R, Barreto SM, Assunção AA. Condições de trabalho, qualidade de vida e disfonia entre docentes. *Cad Saude Publ* 2007;23(10):2439-61.
- Penteado RZ. Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre saúde vocal. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2007;12(1):18-22.
- Preciado J, Pérez C, Calzada M, Preciado P. Prevalence and incidence studies of voice disorders among teaching staff of La Rioja, Spain. *Acta Otorrinolaringol Esp* 2005;56:202-10.
- Roy N, Merrill RM, Gray STSD, Thibeault SL, et al. Voice disorders in teachers and the general population: effects on work performance, attendance, and future career choices. *J Speech Lang Hear Res* 2004;47:542-51.

Schwarz K, Cielo CA. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2005;10(2):83-90.

Servilha EAM. Estresse em professores universitários na área de fonoaudiologia. *Cienc Med* 2005a;14(1):43-52.

Servilha EAM. Concepções sobre a voz na docência presentes nos discursos de professores universitários. *Rev Soc Bras Fonoaudiol [CD-ROM] 2005;Supl Esp.* [Apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; Santos, SP; 2005b]

Simões M, Latorre MRDO. Prevalência de alteração vocal em educadoras e sua relação com a autopercepção. *Cad Saude Publ* 2006;40(6):1013-8.

Simberg S, Sala E, Vehmas K, Laine A. Changes in the prevalence of vocal symptoms among teachers during twelve-year period. *J Voice* 2004;19(1): 95-102.

Thibeault SL, Merrill RM, Roy N, Gray SD, et al. Occupational risk factors associated with voice disorders among teachers. *Ann Epidemiol* 2004; 14(10):789-92.

Troni CR, Arakaki FN, Lima FS, Mott L, et al. Professores em contexto profissional: análise objetiva e subjetiva dos aspectos da articulação e da postura. *Disturb Comun* 2006;18(2):179-88.

Yiu EM-L. Impact and prevention of voice problems in the teaching profession: embracing the consumers' view. *J Voice* 2002;16(2):215-28.

**Recebido em** agosto/08; **aprovado em** abril/09.

### Endereço para correspondência

Emilse Aparecida Merlin Servilha  
Avenida Palomino, 371  
Bairro Guaraú – Salto - SP  
CEP: 13324 311

**E-mail:** [emilsemerlin@uol.com.br](mailto:emilsemerlin@uol.com.br)